

## HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS CONTADA EM HQ

Kelly Priscilla Lóddo CEZAR<sup>1</sup>Luiz Gustavo Paulino de ALMEIDA<sup>2</sup>

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar a história da educação de surdos contada por meio do gênero textual História em Quadrinhos (HQs). Para atender ao objetivo proposto, a pesquisa está organizada em três grandes momentos: 1) Investigação de cunho bibliográfico acerca da história da educação de surdos e teoria do gênero textual HQs; 2) Elaboração da HQ e 3) Aplicação da HQ em ambientes educacionais para os surdos: escolas de surdos; escolas inclusivas; sala de recursos. A intenção é contar o período de repressão dos surdos no mundo via HQ. Junto a isso, explorar o gênero textual HQ em seus aspectos visuais a fim de ir ao encontro dos aspectos visuais das línguas de sinais tornando a forma de contar a história da educação de surdos em uma forma mais próxima dos aspectos linguísticos da língua de sinais. A proposta de investigação visa contribuir com a elaboração de materiais para com o professor obter uma alternativa de sequência didática capaz de auxiliar na aprendizagem dos surdos – formação de professores.

Palavras-chave: História em quadrinhos, libras, linguística.

<sup>1</sup>Pós-doutora pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutora pelo Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná (UFPR), campus de Curitiba.

<sup>2</sup>Graduando do curso de licenciatura letras libras da UFPR. Tradutor/Intérprete da Universidade Positivo. Membro participante do projeto institucional "Gêneros textuais e o ensino para surdos". Aluno de Iniciação Científica – PVA, UFPR (2016).

<sup>3</sup>A presente investigação está vinculada ao projeto institucional "Gêneros textuais e o ensino para surdos" da UFPR. Os dados apresentados é um recorte do projeto de iniciação científica intitulado História da Educação de surdos contada em HQ.

**Abstract:** This article aims to present the history of the education of the Deaf through the textual genre Comics. In order to achieve this objective, there search is organized in three major steps: (1) Bibliographical research on the history of Deaf education and textual theory on Comics; (2) Elaboration of the comics; (3) Application of comics in educational environments for the Deaf: Deaf schools, inclusive schools, resource room. The intention is to represent the historic period repression of the Deaf around the world through comics. A parallel goal is to explore the visual aspects of Comics relating it to the visual aspects of sign language, in order to tell the history of Deaf education associated with the sign language production. This proposal aims to contribute with educators by providing resources to an alternative teaching sequence which may be efficient to assist the learning process of the Deaf – teacher formation.

**Keywords:** Comics, libras, linguistic, signlanguage.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem objetivo apresentar a história da educação de surdos contada por meio do gênero textual História em Quadrinhos (HQs)<sup>3</sup>. Para atender o objetivo da pesquisa foi realizada uma investigação de cunho bibliográfico acerca das duas temáticas envolvidas: História dos surdos e o gênero história em quadrinhos. A elaboração do tema mundial “Congresso de Milão” e a opressão dos surdos no mundo foi motivo de inspiração para criação dos quadrinhos. Após a elaboração foram descrita a estrutura da HQs.

Nela, busca-se elaborar sequências didáticas utilizando os gêneros textuais história em quadrinhos para auxiliar no ensino da educação bilíngue dos surdos. A escolha de o uso dos gêneros textuais no ensino se deve por envolver os aspectos culturais, linguísticos e históricos que permeiam o estudo de línguas.

Sabe-se que os surdos partilham os mesmos contextos sócio históricos dos ouvintes e, por isso, acabam por apresentarem as mesmas necessidades comunicativas, fazendo uso dos

mesmos gêneros textuais. No entanto, a forma de expressão dos gêneros se concretiza de maneira diferente em decorrência de o fato de as línguas de sinais ser uma língua visual-espacial. Dessa forma, a história em quadrinhos se constitui um gênero promissor para o uso didático no ensino para surdos, visto que, o gênero textual HQs é definido, por Guimarães (2008), como uma forma de expressão artística em que há o predomínio do estímulo visual, ou seja, engloba formas de expressão em que o espectador para apreciá-las utiliza principalmente o sentido da visão" (GUIMARÃES, 2008, p. 09).

De acordo com o linguista Marcuschi (2002), o trabalho escolar com os gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos. Nenhum fazer linguístico está fora de algum gênero, pois todo discurso se manifesta por meio de diferentes gêneros textuais: "eventos linguísticos que se caracterizam muito mais por suas funções comunicativas do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais" (MARCUSCHI, 2002, p.55).

Essa maneira perceber e trabalhar com a língua vai ao encontro da necessidade que as línguas naturais apresentam, em destaque, das línguas de sinais. Assim como toda língua natural, elas surgiram da interação entre pessoas e atendem às necessidades e desejos da comunidade de surdos. Partindo dessa premissa, gêneros textuais se apresentam como um dos recursos de ensino aprendizagem mais eficaz para o ensino de surdos e para promover a reflexão sobre o funcionamento da língua brasileira de sinais (CEZAR, 2015).

Criar eventos, propostas, sequências didáticas, adequação de materiais de ensino a partir da relação efetiva da comunicação entre a língua brasileira de sinais (Libras) pode minimizar as dificuldades dos aprendizes.

## GÊNERO TEXTUAL: HISTÓRIA EM QUADRINHOS

### Um pouquinho de história

É muito comum se pensar ou defender a ideia de que os surdos não gostam da língua portuguesa e que pela língua de sinais ser espaço-visual torna-se impossível tal aprendizagem. Para refletirmos sobre os problemas de ensino sobre o processo de identidade e historicidade, tornou-se necessário apresentar um breve panorama sobre a história da educação de surdos.

Essa forma de abordagem, retornar à história, nos proporciona conhecimento, reflexão sobre os vários problemas de educação, em especial, ao da escrita dos surdos. A fim de compreendermos as principais dificuldades educacional e política para os surdos, realizamos uma descrição breve sobre a história mundial a fim de relacionar com as imagens postas na HQ, por neste momento, ser ainda resultados preliminares. Junto a isso, refletimos sobre a importância da temática e do desenvolvimento de recursos didáticos que auxiliem o professor.

De acordo com Nascimento (2009), no Brasil, podemos dizer que a preocupação de ensino para os surdos se deu em 1855, quando Dom Pedro II designou o Marquês de Abrantes para organizar uma comissão para fundar um instituto para educar surdos-mudos. Em 1856, a comissão realizou a primeira deliberação à criação do Instituto. No ano seguinte, em 26 de setembro de 1857, foi aprovada a Lei de n. 939. Após esses fatos, Dom Pedro II apoiou a vinda do professor surdo francês Ernest Huet para fundar a primeira escola de surdos do Brasil. Inaugurou o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos (atual Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES), em 1857. O instituto iniciou suas atividades como um asilo, no qual só era aceito surdos do sexo masculino que geralmente vinham de outros países e em sua maioria eram vítimas de abandono familiar (ROCHA, 1997; NASCIMENTO, 2009).

Seguindo a linha de pensamento dos autores, foi nesse instituto que a língua brasileira de sinais surgiu. Acreditam ser uma mistura da língua de sinais francesa com os sistemas de comunicação utilizados pelos surdos brasileiros.

Em dezembro do mesmo ano de criação do instituto, Ernest Huet apresentou os resultados de seus trabalhos a um grupo específico de pessoas, ao qual o imperador D. Pedro II se fez presente. A partir da exposição da aplicação de seus métodos - englobava duas disciplinas, a de Linguagem Articulada para os que tinham aptidão e a de Leitura sobre os Lábios somente para os que tivessem resíduo auditivo - os resultados foram bem vistos e aceitos. No entanto, em 1861, o professor foi embora do Brasil para assumir a educação de surdos no México. Por este motivo, o instituto ficou a cargo do Frei do Carmo que em pouco tempo se retirou da direção, assumindo Ernesto do Prado Seixas.

No ano seguinte, o doutor Manoel Magalhães Couto foi contratado para tal função, no entanto era desprovido de qualquer experiência na área da surdez. Após mudanças estruturais

realizadas no Instituto, ocorridas em 1867, foram estabelecidas novas disciplinas que substituíram as ministradas por Ernest Huet: Linguagem Articulada e Leitura sobre os Lábios, sendo ofertadas as seguintes disciplinas: Leitura, Escrita, Doutrina Cristã, Aritmética, Geografia com ênfase no Brasil, Geografia Elementar, Elementos da História, Português, Francês e Contabilidade (ROCHA, 1997).

Outra modificação realizada foi a forma de funcionamento do instituto. Ele passou a funcionar em regime de internato, sendo que a nova proposta de ensino foi inspirada nos ideais e preceitos do iluminismo. Essa filosofia tinha como princípio fundamental a inserção social através do ensino das letras, das ciências e de ofícios manuais. A mesma reestruturação ocorreu em outras instituições para deficientes em toda a Europa.

Por outro lado, o instituto, mesmo sendo considerado pioneiro e tendo tomado como base o conceito europeu, não se tratava de uma entidade de caridade ou assistencial. No entanto, o instituto estava alocado na área de instrução pública, sendo considerado parte integrante da estrutura administrativa do Império. Nesse momento histórico, atendia apenas três surdos oriundos da capital do império. Após a inspeção governamental, ocorrida em 1868, o INES foi considerado um asilo de surdos.

Um fato interessante veio em 1875, quando um ex-aluno do INES, Flausino José da Gama, publicou o primeiro dicionário da língua de sinais do Brasil chamado de Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos.

Tal inspeção relatou o desvio do propósito original da instituição, assim ficou constatado que o instituto passaria a funcionar como um asilo para surdos. De acordo com Reis (1992), a principal razão da criação da escola de surdos foi pela Princesa Isabel ter um filho surdo. Por esse motivo, o imperador se interessou pela educação de surdos e iniciou o processo de implantação de uma escola no Brasil.

Após a realização da inspeção, o doutor Manoel Magalhães Couto foi demitido e Tobias Leite assumiu o cargo. Em consequência, ocorreram mudanças no currículo de ensino elementar. Isso quer dizer que passou a incorporar disciplinas do ensino secundário e o Instituto passou a oferecer ensino profissionalizante em técnicas agrícolas, já que essa formação atendia, no momento, alunos pobres do meio rural.

Em 1870, o Instituto passou a ofertar oficinas profissionalizantes de encadernação e sapataria. A nova forma de curricular e

de profissionalizar os surdos fez com que a instituição se tornasse referência para a educação de surdos no Brasil.

A grande modificação no ensino para os surdos no Brasil ocorreu em 1880, assim como nos demais países, após considerações e imposições realizadas no II Congresso Internacional em Milão. A organização do congresso foi realizada por uma maioria que defendia o oralismo como forma de ensino para os surdos. Por esse motivo, de forma internacional ficou decidido que o de surdos teria de ser pautado no oralismo. Adeptos no Brasil fizeram com que esse tipo de ensino também fosse predominante.

Tal atitude iniciou uma nova etapa de aprendizagem para os surdos brasileiros, pois o instituto, ao aderir ao oralismo na educação de surdos, passou a proibir a língua de sinais tanto no contexto de sala de aula como nas demais dependências da instituição. Essa forma de ensino aos surdos perdurou até meados de 1969 quando a Universidade Gallaudet adotou a comunicação total.

Da mesma forma como ocorreu com o oralismo em outros países, o Brasil também foi influenciado e no final da década de setenta, o método da comunicação total passou a ser utilizada no Instituto Nacional de Educação de Surdos. Segundo a linguista Quadros (2006), a utilização da comunicação total deu origem ao que hoje é denominado Português sinalizado, uma espécie de fusão da Libras com a Língua Portuguesa, contudo a mesma não obteve disseminação.

Em 1889, a Proclamação da República trouxe poucas inovações relativas à educação de surdos; esperava-se mais. As modificações se deram exclusivamente no âmbito institucional. O nome do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos (INSM) passou a ser chamado de Instituto dos Surdos-Mudos. A alteração se tornou possível por força da Lei nº 3.198, de seis de julho de 1890. Nome esse que foi substituído em 1957 por Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Anos depois, com a mesma problemática, mesmo seguindo os padrões internacionais, o instituto não atendia a demanda da época. Em outras palavras, ofertava 35 vagas para um universo de 12.000 surdos. Como consequência dessa falta de atendimento, a atribuição da educação de surdos foi repassada às províncias. No entanto, continuou com o mesmo nome. A medida contribuiu para que vários anos se passassem até que outras instituições fossem inauguradas.

Nas palavras de Bueno (1994, p. 39), “entre a criação do Instituto Imperial, em 1857, e a criação da segunda escola especial (Instituto Santa Terezinha — São Paulo, 1929) transcorreram mais de setenta anos”. Esses dados mostram que a educação de surdos no Brasil teve um baixo crescimento, dessa forma, não proporcionou a divulgação e o ensino para os surdos.

De acordo com o especialista, com a fundação do Instituto Santa Terezinha, o Brasil de fato teve um início de expansão de instituições voltadas para a educação de surdos. Como consequência, novas instituições foram fundadas, sendo uma em Porto Alegre (1954), e a outra em Vitória (1957).

Contudo, o ensino e a criação de novas escolas necessitavam de professores especializados, e foi somente na década de 50 que foi promovida a primeira especialização para professores no Brasil, intitulada “Curso de Formação de Professores para Recuperação de Deficientes da Audição e da Linguagem Falada”. Cabe destacar que, mesmo representando uma forma de avanço aos ensinamentos aos surdos, a filosofia do oralismo era predominante. No entanto, nessa mesma época, uma nova tendência de ensino começou a se espalhar na educação de surdos: o bilinguismo.

Com essa nova tendência, as línguas de sinais ocuparam um estatuto de língua e o ensino tem priorizado essa nova concepção de ensino. A aceitação da língua de sinais está diretamente relacionada com a criação, em 1981, do Ano Internacional da Pessoa Portadora de Deficiência, instituída pelas nações unidas, por intermédio da luta da Federação Mundial de Surdos.

Podemos perceber, de acordo com as colocações da literatura especializada, que o ensino de surdos no Brasil foi inicialmente conturbado e centralizado. A partir do levantamento exposto, consideramos que os métodos de ensino para surdos no que tange ao desempenho da língua portuguesa escrita não tiveram muito sucesso.

O primeiro período (1856-1910) pode ser visto, a partir da metodologia de ensino abordada pelo francês Ernest Huet – como centrada na língua de sinais e na escrita. Não temos descrições que comprovem a abordagem de ensino utilizada, no entanto faz supor que por ter sido aluno de Clerc, no Instituto francês se priorizava a língua de sinais e a escrita.

O segundo momento foi marcado pelo oralismo, que após o Congresso de Milão, em 1880, proibiu a expressão dos surdos

pela língua de sinais e tinha como objetivo central desenvolver a fala nos surdos. No Brasil, foi em 1911 que o Instituto Nacional de Surdos (INES) passou a seguir a tendência mundial, utilizando o oralismo puro em suas salas de aula. Como destaca Goldfeld (2002), essa metodologia de ensino se enquadra no chamado método clínico. Os criadores do método acreditam que a única forma de integração dos surdos na comunidade de ouvintes é pelo desenvolvimento da fala. Assim como nos demais países que aplicavam o método oralista, no Brasil, também os surdos não tiveram o êxito esperado.

O terceiro período (1970-80) pode ser considerado como o das discussões da metodologia da Comunicação Total, após a visita de uma professora de surdos à Universidade Gallaudet, nos Estados Unidos. Essa proposta tem como objetivo mostrar que os surdos poderiam utilizar qualquer forma de comunicação. Dessa forma, acreditavam que seria possível resgatar as formas de comunicação que os surdos utilizavam antes da proibição das línguas de sinais.

No que diz respeito à aplicação dessa filosofia no Brasil, sabe-se que o Instituto Nacional de Educação de Surdos, em 1986, em forma de projeto de pesquisa, tentou a implementação da Comunicação Total. No entanto, por força dos preceitos do bilinguismo (novas propostas), essa perspectiva não continuou. Um dos motivos da não incorporação dessa filosofia no sistema educacional brasileiro foi devido às leis que iniciaram nesse período.

Segundo a Procuradoria Geral do Trabalho (2001/2002) foi sancionada, em 24 de abril de 2002, a lei nº 10.436 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio legal de comunicação e expressão. Esta foi vista como sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria oriunda da comunidade de pessoas surdas do Brasil. Desta maneira, o sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de educação especial, de Fonoaudiologia e de magistérios, em seus níveis médio e superior, o ensino das LIBRAS, como parte integrante dos parâmetros Curriculares Nacionais. Nesta perspectiva, o surdo, como todos os demais educandos 'especiais', terá garantido assim, os seus direitos à educação, assegurando uma formação que lhe dê condições de autonomia no mercado de trabalho, etc., ou seja, realmente partindo da educação para a inclusão social em todos os seus aspectos (BARBOSA, p. 2012, p. 03).

A partir dessa nova forma de conceber a língua de sinais, iniciou-se um novo período da educação de surdos: o bilinguismo. No Brasil, essas discussões ganharam força no início da década de oitenta. O método bilíngue prega que no contexto escolar os surdos devem ser ensinados com duas línguas: a língua portuguesa escrita e a língua brasileira de sinais. Atualmente, é essa metodologia de que a maioria dos institutos e escolas surdas faz uso e a proposta de criação didática terá como reflexão de suas etapas.

### CARACTERIZAÇÃO DAS HQs

Segundo Carvalho (2009), uma das razões mais importantes para se utilizar os quadrinhos em sala de aula é a atração dos estudantes por esse tipo de leitura. A combinação de palavras e(m) imagens que possibilitam o exercício não somente de uma leitura permeada pela linguagem escrita mas também pela linguagem visual faz com que os processos de letramento e de alfabetização sejam diferenciados, pois o interesse do aluno será superior ao do texto meramente verbal, assim como o enriquecimento da comunicação, visto que as HQs auxiliam de maneira significativa no desenvolvimento do hábito de leitura e da ampliação do vocabulário.

Dessa maneira, a organização e a sistematização das HQs, para Santos (2003), se fazem importantes para o trabalho com a leitura em sala de aula a partir desse tipo gênero, pois o professor poderá explorar recursos verbais e imagéticos que com outro tipo texto não conseguiria, por exemplo, tais como as onomatopéias, os balões de fala, as sequências narrativas, a caracterização dos personagens e suas relações entre si, entre outros. Além dos elementos próprios, Neves (2012, p. 17) ressalta que as HQs propiciam de forma bastante interessante o trabalho com a formação de valores, de ideologias e de exercício da cidadania, pois apresentam relações interpessoais, daquilo que se pode vivenciar no cotidiano e em sociedade.

Nessa perspectiva, é fundamental que o professor esteja sempre atento aos elementos constitutivos das HQs e os explore no momento da leitura com os alunos, pois esses modificam os sentidos e o modo de se ensinar a leitura nos processos de letramento e de alfabetização. Para tanto, faz-se imprescindível caracterizar as HQs.

## ELEMENTOS IMPORTANTES

Santos (2003) explica que o REQUADRO é um elemento importante a ser observado, pois se trata de moldura que circunda os desenhos e os textos de cada quadrinho; ele limita o espaço onde são apresentados objetos e as ações.

Já os BALÕES são convenções gráficas inseridas que se inserem na fala e os pensamentos da personagem. São, segundo Tanino (2011, p. 15), indicados por um contorno-linha que o envolve, apresentando-se em variadas formas, dependendo do contexto da história.

Outro elemento a ser considerado é as ONOMATOPEIAS; pois, assim como os balões, elas dão vida às HQs de forma altamente dinâmica. O ruído, nos quadrinhos, mais do que sons, é visual; uma vez que compõem a cena narrada nos seus mínimos detalhes e constroem sentidos que, sem elas, não seriam tão percebidos.

Santos (2003) chama a atenção para as marcações gráficas que indicam o movimento das personagens ou de objetos. Elas também estão a trabalho da construção de sentidos no momento da leitura. E isso o professor também precisa considerar.

As cores também são um elemento bastante importante para se observar, uma vez que bastante parte das informações, das cenas é expressa por meio das cores. Elas desempenham um papel muito importante na construção do sentido, assim como o tempo e o espaço presentes na narrativa.

Ao citar Eisner (1999, p. 16), Tanino (2011, p. 19) destaca que, nas HQs, é possível também se ter uma narrativa somente pela linguagem visual, o que possibilita ao professor explorar a sequência dos fatos narrados na HQ, a fim de se trabalhar com a noção de lógica dos acontecimentos.

Como se observa, as imagens na HQ são suficientes para a compreensão da narrativa ali apresentada; a ausência da linguagem verbal não interferiu na sequência lógica dos acontecimentos, visto que as quatro imagens são dependentes entre si para a produção do sentido e precisam estar em ordem para que essa produção ocorra de maneira significativa. E isso propicia ao professor compreender a importância também das imagens para a construção dos sentidos e trabalhá-las com seus alunos.

## HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS CONTADA EM HQ

## APRESENTAÇÃO PARCIAIS DOS RESULTADOS

Este material de cunho didático está voltado para o relato dos cem anos de repressão das Línguas de Sinais no mundo. Tal sentença foi resultante do congresso internacional que ocorreu em Milão, Itália, no ano de 1880, pelo qual se discutia a melhor maneira de educação para os surdos: o método Gestualista (modelo Francês) ou o método Oralista (modelo Alemão). A proposta da construção deste gênero história em quadrinhos irá se basear nos relatos e registros de como se deu a educação dos surdos no mundo através do método decidido no congresso.

## Estrutura da HQ



Figura 1: "Oralismo x Gestualismo: a proibição das Línguas de Sinais."



Figura 2: "Um mundo dentro de um outro mundo."

O requadro se refere a um elemento determinativo que nesta criação é formada por uma moldura e linhas demarcatórias que tem por intencionalidade distinguir os momentos de ação representados na história em quadrinhos representando consequentemente o tempo narrado.



Figura 3: "O que eles querem dizer?" ou "Marcelo observa as bocas se mexerem, sem compreender o que falam."

ARTIGO



Figura 4: “Comunicação em Língua de Sinais.” Na imagem Laura pergunta para Marcelo “o que houve?” e este responde “Não é nada”.

No que diz respeito ao desenho ou vinheta, ele representa o ambiente, as ações e os personagens. Na história contada, o personagem principal é um adolescente surdo, chamado Marcelo, que enfrenta diariamente as barreiras linguísticas e sociais dentro de uma cultura ouvinte. No início, podemos ver as divisões de planos, voltadas para os acontecimentos em torno do personagem: o foco central sobre ele, em primeiro plano, enfatizando a ideia de solidão, estranheza e inocência sobre os fatos que estão acontecendo; em segundo plano, pessoas andando em um ambiente movimentado, conversando sobre diversos assuntos, representando a classe linguística dominante (oral).

O foco sobre a boca dos falantes representa a oralidade em que se volta a atenção para o personagem principal mostrando a dificuldade de entendimento da comunidade surda; logo no último quadro, o devaneio do personagem Marcelo é quebrado com a chegada de sua amiga ouvinte Laura (que utiliza língua de sinais). Este início é de grande importância para o enredo da HQ, pois além de retratar a repressão da utilização das línguas de sinais como método fundamental para a educação dos surdos, transmite a mensagem de que tal relacionamento com a língua oral ainda decorre atualmente.

As representações das imagens foram criadas dando enfoque a sinalização para que desperte o entendimento da mensagem, as vinhetas, em geral, são constituídas das relações dos elementos visuais com os elementos verbais. No caso da presente criação, os elementos visuais foram o foco, visto que se refere as características das línguas espaços-visuais. Nos detemos na principal característica do gênero textual Hq que “é uma forma de expressão artística em que há o predomínio do estímulo visual, ou seja, engloba formas de expressão em que o expectador para apreciá-la utiliza principalmente o sentido da visão” (GUIMARÃES, 2005, p. 6). Levando em conta que a história em quadrinhos proposta na presente pesquisa circule principalmente na cultura surda intensifica-se mais os elementos visuais e a corporalidade presentes com maior intensidade nas línguas sinalizadas.

No que diz respeito as linhas cinéticas – elemento comunicativo que ajuda no reconhecimento visual dos objetos representados – observamos que o predomínio está na representação da quantidade de pessoas no segundo plano que evidenciam a dominância das línguas orais na sociedade relatada. Ao passo que, o sujeito surdo, em sua minoria linguística, acaba por não interagir de uma maneira efetiva na língua de sinais por ter menos sinalizantes do que ouvintes. Junto a isso, a opressão dos cem anos os levou a ter uma metodologia de aprendizagem mais de cunho oralista levando a concepção errônea de que a leitura labial, por exemplo, seria uma forma concreta e suficiente para a interação social.

Torna-se importante destacar que até o presente momento não foi necessária a introduções de balões para identificara verbalização dos personagens. Nos acreditamos que a sinalização das mãos e as expressões faciais atingirão com eficácia a ideia da criação da HQ.

Por fim, destacamos o elemento cor, pelo qual adotamos - o preto e branco – em razão de acreditarmos na facilidade da produção e divulgação dos resultados. Tal postura, está ancorada na facilitação de impressões, ou seja, no baixo custo gerado não impedindo a leitura da HQ criada em ambientes menos favorecido. Podendo, inclusive ser impresso em ambientes residenciais.

## CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O uso de gêneros textuais no espaço escolar se constitui

## HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS CONTADA EM HQ

de uma excelente ferramenta para o ensino, visto que nenhuma expressão linguística está fora de algum gênero (MARCUSHI, 2005). A partir dessa premissa, acreditamos que a HQ criada se tornará um instrumento de grande uso tanto para uma língua espaço-visual quanto para língua oral.

A criação da presente HQ com a temática história da educação de surdos, em destaque, os cem anos de opressão dos surdos mundialmente, não se dá somente pela importância histórica que se tem, mas na relação de se criar materiais para o ensino.

Os dados aqui apresentados, embora preliminares, pela presente pesquisa estar em andamento, evidenciam que a criação da HQ se demostre em um veículo didático pedagógico com diferentes fins, tais como: a) abordagem da história de surdos, b) sequências didáticas para o ensino de línguas; c) aproveitamento de leitura com base em imagens e desenhos, d) ensino de arte, bem como os artefatos culturais.

As HQs podem ser utilizadas como um recurso interdisciplinar, visto que as contribuições desse gênero textual são muitas, em especial, para o ensino de línguas. Utilizá-la tanto para transmissão de um período histórico dos surdos no mundo em aulas de história como também pelas características das histórias em quadrinhos. De acordo com Bari (2008), elas permitem uma leitura prazerosa devido as informações nelas apresentadas são transmitidas por meio de uma linguagem atrativa e amigável elevando os níveis de significação e convivência social.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, G. V. Histórico da educação de surdos no Brasil. Informativo Feneis. Disponível em: [http://www.feneis.org.br/page/noticias\\_detalhe.asp?categ=1&cod=623](http://www.feneis.org.br/page/noticias_detalhe.asp?categ=1&cod=623). Acesso em: 12/11/2012.

BARI, V. A. O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes-ECA/USP, 2008. (Tese de Doutorado)

BRASIL. Decreto-lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 23 de

dez. 2005. Seção 1, p. 30.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 25 de abril de 2002. Disponível em: <<http://www.feneis.org.br/legislacao/Libras/Lei%2010.436.htm>>. Acesso em: 10 mar. de 2007.

BUENO, J. G. S. A educação do deficiente auditivo no Brasil: situação atual e perspectivas. Em E. M. L. Soriano de Alencar (Org.), *Tendências e Desafios da Educação Especial* (pp. 35-49). Brasília, DF: MEC/SEESP, 1994.

CARVALHO, J. Trabalhando com quadrinhos em sala de aula. CECIERJ – Educação Pública, publicado em 19/05/2009. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/suavoz/0116.html>, acesso em 12/04/2017.

CEZAR, K. P. L. Considerações linguísticas a respeito das línguas de sinais. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, Unesp, 2014. educação bilíngue dos surdos. 1º Simpósio Nacional de Educação. XX Semana da pedagogia. Unioeste – Cascavel/PR, 2008.

MENDONÇA, M. R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

NASCIMENTO, P. F. N. Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica. Tese de doutorado, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/6547>. Acesso em: 15/12/2009.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. B. 2004. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed Editora.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. P. 2006. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed Editora.

QUADROS, R. M. Políticas lingüísticas e educação de surdos em Santa Catarina: espaço de negociações. Caderno CEDES,

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS CONTADA EM HQ

Campinas, v. 26, n. 69, 2006.

REIS, V. P. F. A criança surda e seu mundo: o estado-da-arte, as políticas e as intervenções necessárias. Dissertação de mestrado (n.p.). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1992.

ROCHA, S. INES Instituto Nacional de Educação de Surdos – Revista Espaço: Edição Comemorativa 140 anos. Belo Horizonte. Editora Littera. 1997.

SILVA, M. F. PIRES-SANTOS, M. E. A formação do professor para o desafio da

SILVA, M.F; PIRES-SANTOS, M. E. A educação bilingue para alunos surdos numa perspectiva culturalmente sensível/relevante. Ideação, v.14, no. 2, p. 139-156, 2o. sem, 2012. Unioeste. URL: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/>